

O encontro do Tapajós com o Amazonas

Walter Andrade Parreira

Volta e meia cruzamos ou avistamos a Transamazônica, ainda de barro, imensa para nós e, para a selva, nada mais do que um caminho de formiga. Continuamos a mais ou menos 200 por hora e nessa falta de pressa – somos uma “tartaruga com asas”, não? –, e a uma altitude de 500 metros, podemos apreciar muito melhor tudo lá embaixo. E é assim, dessa posição privilegiada, que assisto, com Kika, Tawé e Tuxá, a um espetáculo inesquecível: o encontro do Rio Tapajós com o Amazonas. Eles formam uma bacia de mais ou menos 20 km de largura e o escuro/azulado de um e a cor de terra do outro viajam, lado a lado, numa extensão de muitos quilômetros, sem se misturarem.

São dois gigantes caminhando, corpo-a-corpo, e cada qual relutando em deixar de ser, resistindo à perda de sua identidade. Só muito ao longe tomam uma decisão e presenciamos, então, o encontro e a comunhão dos dois, contemplamos o novo caudal – majestoso, mais imponente, mais forte e mais belo. Eu rio baixinho, imaginando o orgulho e a satisfação do novo rei: incorpora o Tapajós, e maior, mais rico, mais cheio e colorido com o azul que recebe – um novo ser, portanto –, preserva ainda fortemente sua cor de barro e sua bela e verde assinatura: Amazonas. O Catalina deixa para trás esse fantástico cruzamento, atravessa toda a gigantesca bacia – um verdadeiro mar doce – e alcança a margem direita do maior afluente do grande rio, enveredando novamente pela mata: o seu bico aponta para o Alto Tapajós.

Extraído do livro:
“Tawé, Nação Munduruku – Uma aventura na Amazônia”
(Cap.2 – ‘O tartaruga com asas’ – pág. 51)